



MPN 13098

FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



BRUNO ODILON DE ARAUJO GALVÃO

CONHECIMENTO SOBRE DANÇA PARA DEFICIENTES AUDITIVOS
DE PARAUPEBAS, CANAÃ DOS CARAJÁS, CURIONÓPOLIS E
ELDORADO DOS CARAJÁS



796.2
G382c
2020
Ex.2
Consulta

PARAUPEBAS
2020

BRUNO ODILON DE ARAUJO GALVÃO



**CONHECIMENTO SOBRE DANÇA PARA DEFICIENTES AUDITIVOS
DE PARAUPEBAS, CANAÃ DOS CARAJÁS, CURIONÓPOLIS E
ELDORADO DOS CARAJÁS**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Educação Física para obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Juliana Maria.

**PARAUPEBAS
2020**

BRUNO ODILON DE ARAUJO GALVÃO

CONHECIMENTO SOBRE DANÇA PARA DEFICIENTES AUDITIVOS
DE PARAUAPEBAS, CANAÃ DOS CARAJÁS, CURIONÓPOLIS E
ELDORADO DOS CARAJÁS

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado a Faculdade para o
Desenvolvimento Sustentável da
Amazônia (FADESA), como parte das
exigências do Programa do Curso de
Educação Física para obtenção do
Título de Bacharel.
Orientadora: Prof. Juliana Maria.

APROVADO EM:

Prof. Esp. Juliana Maria (FADESA)

Prof. Esp. Cassio Negrão (FADESA)

Prof. Esp. Jackson Cantão (FADESA)

**A Deus, que se mostrou
criador, que foi criativo e me
deu seu folego de vida, me foi
sustento e me deu coragem.**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido contando com a ajuda de diversas pessoas dentre as quais agradeço grandemente.

Agradeço aos meus professores que me acompanharam desde o início nessa jornada, sendo estas peças fundamentais para obter conhecimento e chegar até ao final dessa jornada.

A todas as pessoas que participaram da pesquisa em que resultou neste trabalho, pois sem elas isso seria impossível de ser realizado, pois colaboraram com toda a disposição para o processo de obtenção dos dados.

Aos meus pais, esposa e familiares por acreditarem em mim e me derem forças para seguir essa jornada até o fim.

Aos meus amigos por me incentivarem e me acompanharem e entenderem as ausências de confraternizações e demais eventos.

“Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros. Ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais.”

Eduardo Galeano.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso procura esclarecer, preparar e conscientizar professores e leitores sobre o tema dança para deficientes auditivos, caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa, buscando entender como ocorre a dança para as pessoas portadoras de deficiência auditiva, levando em consideração as suas particularidades compreendidas através de questionário, focando no sujeito participante de modo a entender como funciona todo o processo e como um profissional de educação física pode atuar para melhorar a interação da pessoa com deficiência auditiva e a música, de forma a promover inclusão social, e desenvolver as capacidades do participante. Aborda as diversas dificuldades e obstáculos que a pessoa com deficiência auditiva precisa passar para pode alcançar e ser integrado ao sistema social, assim como para os consequentes problemas psíquicos gerados pelas dificuldades e frustrações do surdo em sua tentativa de engajamento social. Por meio desta pesquisa, percebe-se que, teoricamente existem legislações que amparam a inclusão dos alunos surdos, mas que, estas políticas não contribuem no que diz respeito a capacitação e formação continuada dos professores para atenderem as especificidades dos alunos.

Palavras-chave: Inclusão; Auditiva; Dança; Profissional.

ABSTRACT

This course conclusion work seeks to clarify, prepare and raise teachers 'and readers' awareness of the dance for the hearing impaired, characterized as a quantitative research, seeking to understand how dance occurs for people with hearing loss, taking into account their particularities understood through a questionnaire and interview, focusing on the participant subject in order to understand how the whole process works and how a physical education professional can act to improve the interaction of the person with hearing loss and music, in order to promote social inclusion, and develop the participant's capabilities. It addresses the various difficulties and obstacles that the person with hearing loss needs to pass in order to reach and be integrated into the social system, as well as to the consequent psychological problems generated by the difficulties and frustrations of the deaf in their attempt at social engagement. Through this research, it is clear that, theoretically, there are laws that support the inclusion of deaf students, but that these policies do not contribute with respect to the training and continuing education of teachers to meet the specificities of students.

Keywords: Inclusion; Auditory; Dance; Professional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1. Música e dança ajudam a incluir deficientes auditivos.....	12
2.2. Adolescentes com deficiência auditiva: a aprendizagem da dança e a coordenação motora.....	14
2.3. Dançando ao som do silêncio.....	16
2.4. Etiologia	17
3. METODOLOGIA.....	18
3.1. Tipo	18
3.2. População de amostra.....	18
3.3. Coleta de dados	18
3.4. Análise de dados.....	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6. REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICE A.....	28
APÊNDICE B.....	30

1. INTRODUÇÃO

Em um estudo feito pelo Instituto Locomotiva em conjunto a Semana de Acessibilidade Surda em 2019 revela que somente no Brasil existem cerca de 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, sendo que desse total 2,3 possuem deficiência severa, composto por 54% de homens e 46% de mulheres, somente 9% das pessoas nasceram com a deficiência e 91% adquiriram ao longo da sua jornada de vida, a maior parte antes de chegar aos seus 50 anos de idade.

Sendo a deficiência auditiva classificada como a "perca total ou parcial, congênita ou adquirida, das capacidades de compreender e falar por intermédio do ouvido" (BRASIL, 2003, P.29). Sendo assim perda da percepção de sinais sonoros, classificada em leve/moderada e severa/profunda. Para (ROSSI; LIMA, 2002, p.114) a audição é dos mais importantes sentidos do ser humano, visto que além das informações passadas durante o dia-a-dia, serve para alertas de perigo, desenvolvimento de fala e linguagem, além de desenvolver o emocional, social e educacional do indivíduo.

Por ser um tema pouco explorado pelos educadores físicos, a compreensão e entendimento sobre os desafios no desenvolvimento de atividades com este grupo é um trabalho complexo e tão pouco discutido entre alguns especialistas, o presente estudo irá analisar a aprendizagem de forma conceituada de como ocorre a dança para deficientes auditivos através da educação física. Ferreira (2002) e COSTA (2008) escreve que a dança, ao estabelecer alguns parâmetros dentro das dimensões corporais é um instrumento de autoconhecimento e leva as descobertas de possibilidades para transformação social.

De acordo com Haguiera-Cervellini (2003), a música envolve o homem desde os primórdios, a natureza por si só proporciona os ruídos, dos quais se originam as mais diversas sonoridades musicais vinda de trovões, ventos e até os mais simples ruídos, assim através deste estudo procuraremos estudar a fundo como as pessoas podem se relacionar com a dança e seus ritmos e como funciona esta condição é importante para compreender como o deficiente auditivo entende através das vibrações.

Por muitas das vezes em que se deparamos com pessoas portadoras de deficiências, seja de qual for, pensa-se que são incapazes ou infelizes. Entretanto a

dança é uma ótima ferramenta para as pessoas que tem deficiência auditiva mostrar suas qualidades e serem reconhecimentos pelo que podem fazer e não por suas limitações.

“Os professores precisam de oportunidades para refletir sobre as propostas de mudanças que mexem com seus valores, e com suas convicções, assim como aquelas que afetam sua prática profissional cotidiana. (MITTLER, 2003, p. 184)”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Música e dança ajudam a incluir deficientes auditivos

As pessoas com deficiência auditiva não vivem em um mundo mais calmo só porque nele não existam os sons. Estes que não escutam são hiper sensíveis as vibrações no ar causada por ruídos e têm um tipo de "sexto sentido" reconhecendo assim ritmos e notando quando alguma pessoa está se aproximando dela. "Não ouço nada, mas sinto tudo. E isso me deixa feliz", relata Ângela que é aluna da 4ª série em uma escola pública, em Curitiba, conta que também recebe atendimento de profissionais do Centro de Reabilitação na cidade, onde pode aperfeiçoar o entendimento em libras e também em Língua Portuguesa, aprendendo a leitura labial e também as expressões orais.

De acordo com Ivanir Baasch "minha filha adora dançar. E sempre precisa ter música", conta a mãe da menina que também é mãe de outras cinco crianças, das quais três são surdas. A comunicação em sua casa é feita através de gestos, leitura labial, oralização e um quadro usado para escrever as palavras, onde ensina seus filhos, a dona-de-casa, parou de estudar na 2ª série almeja que a filha tenha sua profissão, se case e tenha sua família no futuro.

Durante os horários de recreio na escola, Ângela exibe suas coreografias para as amigas, que assim imitam seus movimentos em sintonia com o ritmo da música vinda da caixa de som. A professora, Rosana, relata que o desempenho da garota é de se elogiar: "Ela é esforçada e atenciosa. Fazemos atividades, com todos os alunos, nas quais as habilidades de Ângela sejam valorizadas".

Além da comunicação por libras, as pessoas surdas ou deficientes auditivas também podem aprender a falar através da oralização. Esta que, treina o indivíduo a reconhecer os ruídos/sons e também ajuda no exercício da respiração e os órgãos da fala. Esta técnica funciona como estimulante para o uso de aparelhos que podem amplificar os sons. "Aprender a falar não pode ser uma imposição, como foi no Brasil até a década de 1990, resultando em graves problemas escolares", de acordo com uma professora da UFP, Ana Dorziat. Somente na década de 1990 é que foi aceito o bilinguismo, que nada mais é que é se comunicar-se através da língua de sinais, mas também sendo alfabetizado em português.

Considerando que a criança surda ou deficiente auditiva chegue a aprender as técnicas ensinadas a ela em sua totalidade, a visão sempre será o mais importante. Pois através dela, é que dá para entender o mundo. Isso a torna importante em todo o processo referente a aprendizagem. "Se houver fotos e ilustrações na sala regular, não é preciso mais nada de especial", relata a educadora Mirlene, do Complexo Educacional Ameduca, em Uberlândia-MG, com três alunos surdos.

As salas são decoradas com pôsteres e cartazes, contando com três profissionais que usam recursos através da visualização: a professora de libras, uma professora com conhecimento em libras e um professor de Português, para ser a sua segunda língua, que o ajuda na melhora da memória para estruturar o idioma e usar em textos.

Os três professores se juntam ao da sala regular para se planejarem. A professora de libras tem o objetivo de ensinar os sinais que são do contexto do conteúdo por exemplo sobre o Egito (faraó, pirâmide, sepultamento etc.). Já o professor em libras tem a missão de trabalhar estes significados dos conceitos e vocábulos. Sendo sempre necessário figuras para ajudar. É fica a cargo do professor de Português ajudar no entendimento e elaboração dos textos. Sendo sua atuação fundamental, já que na linguagem de sinais (Libras) não existe uma conjugação de verbos tão pouco preposições ou artigos. Se a pessoa com deficiência quiser expressar a frase "o garoto vai à escola", será feito sinais estes referentes aos substantivos e ao verbo seja ele em qualquer ordem. Mas para escrever essa mesma frase no papel é necessário conhecer toda a estrutura do português formal.

Por isso, muitos alunos com deficiência auditiva acabam tendo atraso na escrita, mas se tiverem um bom acompanhamento estarão prontos para aprender com os demais.

"É importante que pais e professores saibam que esses estudantes têm o direito de ser educados também por especialistas na sua primeira língua (libras)", explica Ana Dorziat. "Se não for assim, eles estarão excluídos do processo de aprendizagem."

2.2. Adolescentes com deficiência auditiva: a aprendizagem da dança e a coordenação motora

“Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (2005), a surdez se caracteriza pela diminuição da acuidade e percepção auditiva. A audição é uma das principais formas de ligação entre o ser humano e o ambiente no qual ele vive”

Esta é a ligação proporcionada pela grande integridade de suas vias auditivas, que até mesmo antes de nascer se habitua com certos tipos de sons, como por exemplo “o batimento cardíaco e a voz da mãe (BEVILLACQUA; BANDINI; TSCHIEDL, 2000)”.

As percas auditivas podem e são classificadas através do local da lesão, do grau, e da época em que se iniciou. Segundo Bess e Hummes (1998), “a perda da audição determinam suas capacidades em diferentes graus de intensidade, podendo ser transitória ou definitiva e estacionária ou progressiva”.

A audição é um dos principais e fundamentais elementos para se adquirir o desenvolvimento da linguagem, sendo assim, a perda auditiva nas crianças pode levar a inúmeros distúrbios sociais, emocionais, educacionais, motores e de fala e linguagem de acordo com (DANTAS et al., 2009).

“O movimento é o elemento central na comunicação e interação com as outras pessoas e com o meio ambiente à nossa volta. A aquisição de habilidades motoras, que ocorre ao longo dos anos, é fruto não só das disposições do indivíduo para a ação, mas, principalmente, do contexto físico, social e cultural em que o indivíduo está inserido (PELLEGRINI et al., 2005)”.

O controle motor sempre foi e será importante ainda mais no durante o início da infância, este em que a criança está a obter as suas habilidades motoras básicas e fundamentais. De acordo com Gallahue e Ozmuz (2001), alguns dos fatores de produção de força são mais importantes após a criança obter controle de seus movimentos básicos e fundamentais e passar para a fase motora especializada da infância posterior.

"A coordenação motora é elemento central nas habilidades básicas, que pode ser definida como a ativação de várias partes do corpo para a produção de movimentos que apresentam relação entre si, executados numa determinada ordem, amplitude e velocidade (PELLEGRINI et al., 2005)".

A carência desses estímulos promovidos pela interação da pessoa com deficiência auditiva em relação ao seu meio, acaba por desencadear um desenvolvimento incomum. (apud PAULA; OLIVEIRA, 2004), diz que para uma criança surda o desenvolvimento em geral, incluindo o da coordenação motora, acaba sendo inferior e atrasado em anos se comparado a crianças da mesma idade cronológica, devido aos diversos fatores como a própria perda da audição e também psicológicos como emocional.

Assim dança, que durante muitos anos proporciona inúmeros benefícios ao indivíduo através de suas mais variadas técnicas de movimentação corporal e também expressões culturais e emocionais. Além de que, a dança inclui os mais diversos movimentos rítmicos e coordenados da musculatura corporal, possibilitando assim o desenvolvimento de raciocínio rápido e lógico para se executar os movimentos no indivíduo, melhorando a sua habilidade motora e também os aspectos sociais, tendo em vista que ajuda na socialização entre os indivíduos participantes e aumenta a autoestima.

As aulas de dança são importantes por visarem o desenvolvimento motor, a flexibilidade, o equilíbrio, aspectos estes que são físicos, mas não deixa também de desenvolver aspectos psíquicos como a socialização e criatividade.

"Santos (1997), na prática pedagógica de dança, o aluno deverá aperfeiçoar a criatividade, enriquecendo a capacidade de comunicação e alargando o mais possível o seu vocabulário gestual".

Os indivíduos que são portadores de deficiência auditiva, podem sentir à musica através de vibrações, essas chegando a ser mais reais do que o seu equivalente sonoro, pois estes são estimulados no sistema nervoso central.

"Isso, provavelmente, reflete reorganização cortical precoce, talvez envolvendo as projeções do tálamo, e análoga à atividade do córtex visual, que ocorre durante a leitura do Braille na pessoa cega (SHIBATA, 2001)".

"A pessoas com deficiência auditiva pode sim enfrentar dificuldades ao entrar em contato com a língua do grupo social em que estão inseridos (GÓES, 1996)". Mas os familiares e os profissionais de educação física recebem a missão de estimular essas pessoas para melhorar sua vida.

2.3. Dançando ao som do silêncio

Esta pesquisa teve sua origem através da curiosidade de compreender como as pessoas com deficiência auditiva dançam e quais seriam as ferramentas utilizadas para isso acontecer, também buscar descobrir quais os benefícios que podem ser alcançados através da dança. Durante muitos e muitos anos, as pessoas com deficiência foram privadas de sua comunicação em língua natural, e boa parte deles foi educada em asilos ou escolas de regime de internato. Eles eram obrigados a ir para estas instituições devido a população da época pensar que para serem educados essa era a única maneira de instruí-los. Estudos mostram que muitas destas "escolas", chegavam até a proibir a sua comunicação através de sinais, forçando-os a falar ou a fazerem leitura labial.

"A Dança é uma arte que beneficia de inúmeras formas todos aqueles que a praticam. Pois esta modalidade transmite sucesso, alegria, excitação, permitindo às mesmas receber reforço positivo, imediato tão valioso à estruturação de sua personalidade, pois reforçam o auto-conceito, a autoestima, autoconfiança e autoimagem" (GOES, ANDRADE, OLIVEIRA, pg 2, 2013).

Através da realização de um estudo bibliográfico, que serviu como fundamento para se aprofundar no assunto para responder as questões encontradas. Devido a escassez de estudos relacionados ao tema, configura-se como uma boa opção de investigação. Assim podemos com este, colaborar com o

conhecimento sobre o assunto levando assim a expansão deste para melhorar a qualidade de vida.

2.4. Etiologia

“O termo mais vigente na área da ciência para se retratar as pessoas com surdez é “deficiente auditivo” (DA), de outra maneira, o sujeito surdo e a comunidade de surdos não aceitam ser chamados de “deficiente auditivo”, eles elegeram o termo “surdo” (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003)”.

A surdez e/ou deficiência auditiva pode ser congênita onde o indivíduo nasce assim ou adquirida após o nascimento, sendo caracterizada por um problema sensorial e não sendo possível perceber visualmente, originando assim em dificuldades na recepção ou percepção no reconhecimento de sons, ocorrendo em diversos graus, de leve, ocorrendo na intervenção da fala mas não impossibilitando o a mesma se comunicar via oral ou a profunda que impede totalmente o indivíduo de se comunicar oralmente e atrapalha em seu desenvolvimento.

“A perda da audição é o déficit sensorial mais comum em seres humanos e pode ser de origem genética, ambiental ou algum outro combinado que impede a função normal da cóclea (KOHRMAN; RAPHAEL, 2013)”.

Segundo o SACI programa este do PRCEU e da USP legal, a perda auditiva pode ser definida por congênita de origem hereditária, também por conta de diversos problemas durante a gravidez como doenças, viroses e uso de medicamentos, por sua vez a perda auditiva adquirida, pode ser originaria de uma tendencia genética, por meio de ingestão de remédios, viroses e a exposição a sons extremamente altos.

“Mesmo hoje em dia, apesar de toda a tecnologia e com a evolução dos diagnósticos, repetidamente a surdez é percebida demasiadamente tarde (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003)”.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo

O presente estudo foi conduzido a partir de uma abordagem quantitativa, com o objetivo de gerar conhecimento e adquirir dados para analisar os padrões de uma população, considera-se que por ter caráter quantitativo os dados foram quantificados para posteriormente serem analisados (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

3.2. População de amostra

Teve como critérios de inclusão de qualquer sexo ou gênero, com idade igual ou superior a 18 anos, deficiência auditiva comprovada de qualquer tipo sendo condutiva, sensório-neural e/ou mista dos graus leve, moderada, severa ou profunda.

Utilizou-se de amostras de 40 indivíduos, sendo 26 do sexo feminino e 14 do sexo masculino com idades entre 18 e 51 anos, todos portadores de deficiência auditiva variando do grau leve ao profundo, residentes no município de Parauapebas ou região.

3.3. Coleta de dados

Os participantes foram convidados a participar do estudo através da plataforma do google forms por meio de um questionário on-line, devido a pandemia da covid-19 que assola o nosso mundo no ano de 2020, estudo este que foi realizado com os frequentadores de alguns centros de referência em Parauapebas como a SORRI - Parauapebas e ASURP - Associação de Surdos de Parauapebas. Durante o período de 01 de dezembro de 2020 a 03 de dezembro de 2020.

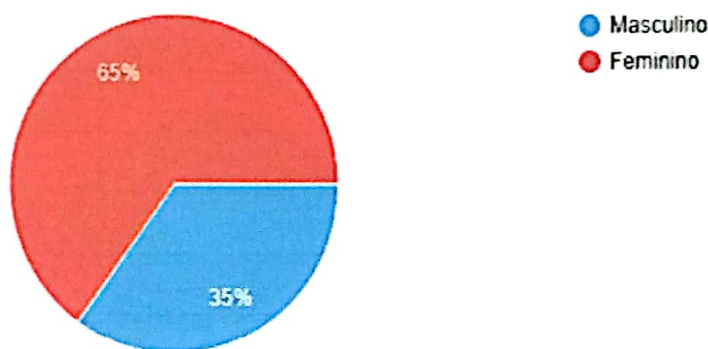
3.4. Análise de dados

Para realizar a análise quantitativa dos dados obtidos através de gráficos, os mesmos foram analisados de forma descritiva e inferencial, através de percentuais, valor mínimo e valor máximo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão apresentados todos os dados referentes as características da amostra.

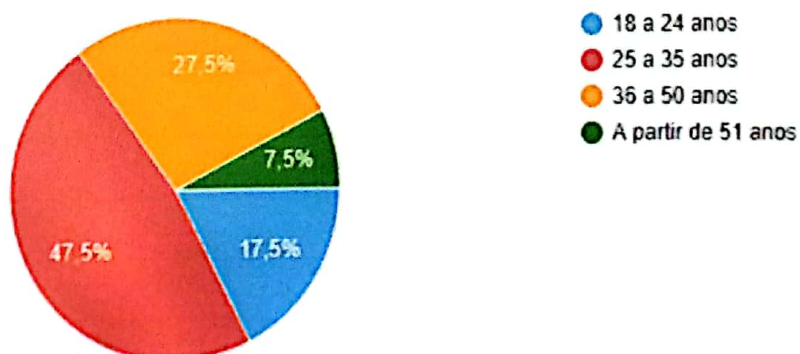
Gráfico 1: Classificação por sexo.



Levando em consideração dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) que a surdez atinge 10,7 milhões de pessoas dos quais 54% são homens e 46% mulheres, mas de acordo a nossa pesquisa a maioria de respostas veio do sexo feminino como pode se observar o gráfico 1.

Através de um estudo que foi realizado pela universidade nos estados unidos Johns Hopkins, evidenciou que o risco de perda auditiva chega a ser cinco vezes maior em homens do que em mulheres, o Brasil segue esta linha de raciocínio.

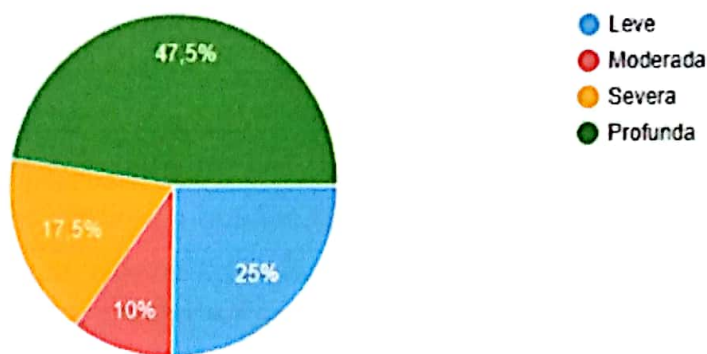
Gráfico 2: Idade.



De acordo aos dados apresentados no gráfico 2, a maioria dos 40 participantes, 47,5% ou 19, tem idade entre 25 a 35 anos, sendo seguido por pessoas com idade entre 36 a 50 anos.

No estudo realizado pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda, no Brasil a maior taxa de desenvolvimento da deficiência auditiva é até os 50 anos.

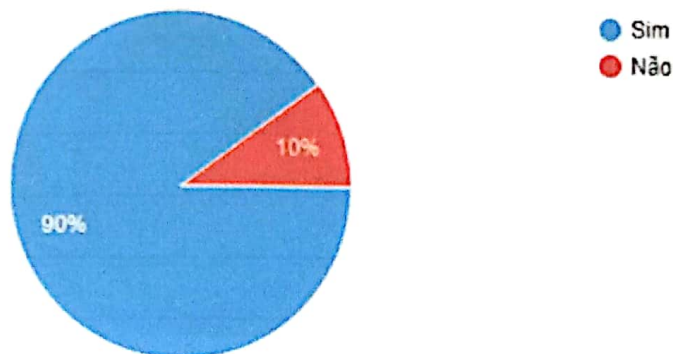
Gráfico 3: Grau de surdez



De acordo com (GORGATTI e COSTA, 2008) diz que o indivíduo com deficiência auditiva encontra dificuldades para se adaptar ao ambiente que o cerca, mas que não o impedem de ter uma vida social normal.

O tipo mais comum nesta pesquisa foi a profunda de acordo com o gráfico 3, esta que impede que o indivíduo identifique a voz humana, Gregory (1995) diz que sem a audição o indivíduo perde a mais vital das estimulações causando assim a falta de conhecimento sobre linguagem oral, sendo necessário o mesmo desenvolver a linguagem de sinais chamada de LIBRAS.

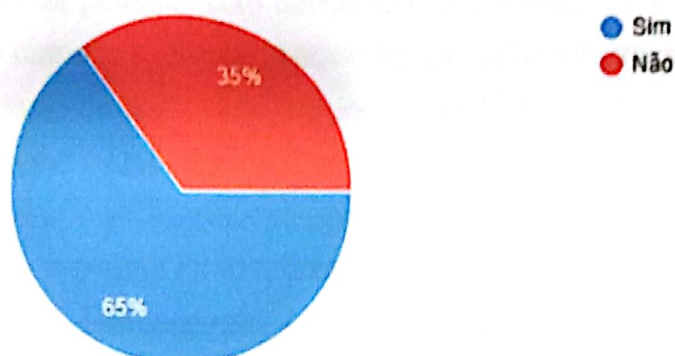
Gráfico 4: Sentindo vibrações



De acordo com os dados apresentados no gráfico 4, as vibrações sonoras são sentidas por sua maioria, sendo assim podemos classificar que no geral as pessoas com deficiência auditiva são sensíveis aos ruídos e vibrações de qualquer natureza seja através de ações humanas ou pelo simples ar da natureza, de acordo com (Couto, pg 30, 1996) sabe se que não é necessário o reconhecimento de 100% dos elementos sonoros ou dos elementos linguísticos para se obter inteligibilidade sonora ou compreensão semântica, sendo assim podemos caracterizar que sentem as vibrações e tem condições favoráveis de dançar, assim os participantes desta pesquisa tem alto índice de reconhecimentos dos elementos sonoros atingindo 90% dos entrevistados.

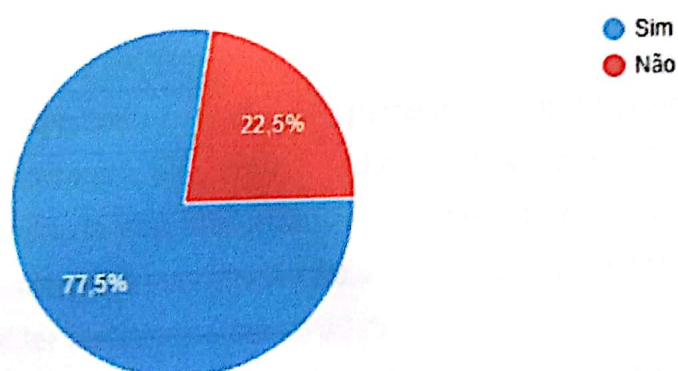
Assim as pessoas com deficiência auditiva têm a capacidade de dançar em meio ao "silêncio".

"Mauerberg (2011) reforça este resultado quando afirma que expressar o ritmo é mais importante que ouvir os sons, e que este pode surgir coordenado com os companheiros, de maneira interna, ou ainda, através das técnicas concretas de uma coreografia".

Gráfico 5: Diferenciando os ritmos

Dos participantes deste estudo, a maioria ou 65% conseguem diferenciar os ritmos, como por exemplo sertanejo, gospel e funk. Cada música possui melodia, tom e ritmo, seguindo esses parâmetros a pessoa com deficiência consegue diferenciar e entender qual o estilo de música está tocando.

Porém não são capazes de entender a letra da música apenas a sentir a vibração que aquele tipo de música passa, precisando de instruções através da LIBRAS para saber a letra.

Gráfico 6: Sentindo e dançando.

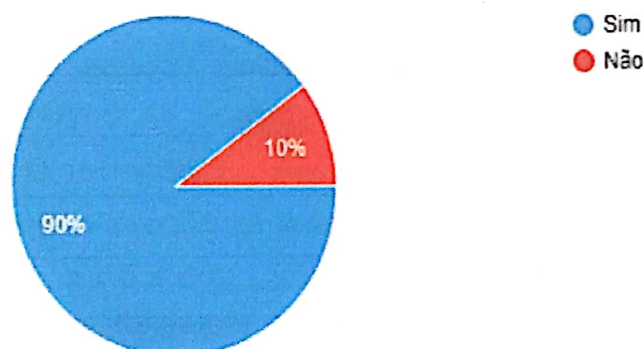
Destaca-se que de acordo o gráfico 6, os participantes em sua maioria de 77,5% ou 31 participantes, gosta de sentir a música e dançar, demonstrando que a pessoa com deficiência física sendo estimulada pelo profissional de educação física

tem capacidade de interagir socialmente através da dança, além da melhora da qualidade de vida.

Todavia as pessoas com deficiência ficaram muito tempo confinadas a fazer parte de uma camada excluída da sociedade devido às barreiras encontradas (Braga et al, 2002), fazendo com que o desenvolvimento de atividades relacionadas a este grupo se tornasse escasso e insuficientes, não podendo as pessoas com deficiência auditiva estimular seus sentidos através da dança devido à falta de lugares.

Portanto a pratica da dança proporciona a esses indivíduos uma nova forma de expressão e comunicação, utilizando-se do seu corpo para transmitir uma mensagem a partir de movimentos simples, melhorando a socialização e podendo revelar potenciais.

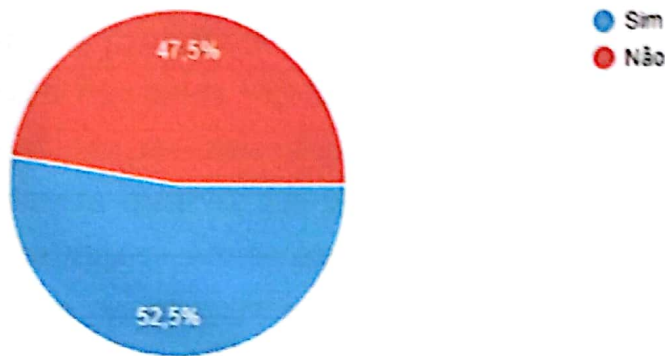
Gráfico 7: Intérprete de Libras de música.



Analisando o Gráfico 7, percebe-se que 90% dos entrevistados conhecem algum intérprete da LIBRAS – Letra Brasileira de Sinais, esta que tem grande importância na vida das pessoas com deficiência auditiva e para o ensino da música para se dançar é importante que a pessoa que irá instruir, deve além da consciência corporal ter compreensão a LIBRAS.

A tradução das canções da língua portuguesa para a LIBRAS é indispensável para se desenvolver a dança com o público de deficientes auditivos, para se entender o contexto de toda a dança.

Gráfico 8: Profissionais ministrantes de aulas de dança para deficientes auditivos.



De acordo com a gráfico 8, temos a percepção de que o número de entrevistados que conhecem algum profissional de educação física que ministre aula para deficientes auditivos é relativamente razoável, 52,5% ou 21 participantes, porém ainda é necessário melhorar ainda mais esses números, visto que de acordo com o CREF18/PA-AP existem cerca de 9.609 profissionais de educação física registrados na 18ª região.

Durante a inserção da pessoa com deficiência auditiva várias dificuldades podem surgir, como aponta Lacerda (2006), mas o profissional de educação física deve oferecer condições para o acesso a essa educação e igualdade com os demais alunos, não discriminando as pessoas com deficiência auditiva e procurando meios de especialização para ter um olhar mais específico quanto a inclusão desse aluno nas aulas de dança, "Brito (1993) ressalta a importância em se conhecer a linguagem de uma pessoa para não rejeita-la".

Assim, o objetivo de aprender os conhecimentos e saber de que forma ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva na modalidade de dança, através da percepção e experiências que o educador físico irá ter ao realizar a inclusão de uma pessoa com deficiência auditiva em suas aulas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se que a dança para as pessoas portadoras de deficiência auditiva é algo bastante desafiador, mas não impossível e que abre as portas para um imenso mar de possibilidades e desenvolvimento para a vida humana. Pois através da captação dos ritmos não audíveis serão transformados em batidas de forma contínua, através de mobilizações que são realizadas no espaço.

Podemos observar que os surdos conseguem desenvolver o seu ritmo e consciência corporal através dos movimentos da expressão corporal e das demais pessoas que se encontram a sua volta, explicitasse que a dança influencia diretamente e positivamente no desenvolvimento motor e emocional dos deficientes auditivos, dando a si mesmo mais segurança, socialização e independência, além de melhorar os aspectos dentro da vida familiar.

A imagem corporal não é uma mera sensação ou simples imaginação, mas sim uma figuração do corpo em nossa mente, onde os órgãos dos sentidos entram na imagem do corpo como contribuições anatômicas e fisiológicas, cita (NANNI, 2003).

Por isso os profissionais de educação física têm a responsabilidade de desenvolver a concepção corporal através da dança, incluindo o grupo de deficientes auditivos e focando em metodologias e estudos mais profundos, devido aos estudos nessa área serem muito escassos e insuficientes para um total entendimento deste, buscando investir em projetos voltados a esta área que é de suma importância.

O profissional tem de se especializar buscando aprender a LIBRAS como base para passar aos alunos com deficiência auditiva as aulas.

6. REFERÊNCIAS

- BRAGA, M.D. et al. Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. *Revista Neurociência*, v.10, n. 3, p.153-157, 2002.
- BRITO, L. *Integração Social e Surdez*. Rio de Janeiro: Editora Babel. 1993.
- MAUERBERG, C. E. *Atividade Física Adaptada*. 2ed. Ribeirão Preto: Editora Novo Conceito. 2011. 392 pp.
- CASTRO, G. M.; VIANA, T. V.; ALENCAR, M. L. *Brincar e aprender: A educação psicomotora para alunos surdos*. Secretaria de Educação do Estado do Ceará - Centro de capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento as Pessoas com Surdez. Universidade Federal do Ceará.
- TAYLOR, B. *Conviver com Surdo*. Scipione, São Paulo, 1994.
- DALCIN, G. *Psicologia na Educação de Surdos*. UFSC, Licenciatura em Letras. Florianópolis, SC. 2009.
- CASTRO, E. M; MORAES, R. A influencia da dança na percepção de estruturas rítmicas monotônicas em adolescentes surdos. *Motricidade. Laboratorio de Ação e Percepção*, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, 2013, Vol. 9, n. 1, p. 64-84.)
- LACERDA, C, B, F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cademo CEDES*, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, mai./ ago. 2006.
- CAS/CE. *Apostila: Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS*. Fortaleza – CE. 1º Edição, 2010.
- COSTA, Roberta Oliveira. *Dança e Deficiência Física: um estudo de caso*. Fortaleza, 2008.
- HAAS, A. N; Garcia A. *Ritmo e Dança*. 2º Edição, Canoas: Ed. Ulbra, 2006

Afonso C. Reflexões sobre a surdez: a problemática específica da surdez; A educação de surdos / Carlos Afonso; coord. Helena Serra. - Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007

Santos Filho DA. Atividades físicas para surdos. 2006. Texto para curso de capacitação de docentes da Prefeitura de São Paulo.

Ciqueleiro D. Inclusão do aluno surdo nas aulas de Educação Física: No contexto do Ensino Médio. 2011 Ago 08.

Geisel, Bairro Loteamento Paraiso. CEP: xxxxxxxxxx. Parauapebas – PA, e-mail:
educacaofisica@fadesa.edu.br

Parauapebas, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) avaliado(a)

Assinatura do (a) pesquisador(a)

APÊNDICE B

1. Qual o seu sexo?

Masculino

Feminino

2. Qual a sua idade?

18 a 24 anos

25 a 35 anos

36 a 50 anos

A partir de 51 anos

3. Qual o seu grau de surdez?

Leve

Moderada

Severa

Profunda

4. Você sente a vibração dos sons?

Sim

Não

5. Consegue diferenciar os ritmos (sertanejo, funk, pagode, romântica, religiosa) de uma música?

Sim

Não

6. Você gosta de sentir a música e de dançar?

Sim

Não

7. Você conhece algum intérprete de Libras de música?

Sim

Não

8. Você conhece algum profissional de Educação Física que ministre aula de dança a deficientes auditivos e surdos?

Sim

Não